

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS NA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DURANTE A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Dra. Teresa Cristina Barbo Siqueira

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC GOIAS
teresabr@terra.com.br

Dra. Maria Esperança Fernandes Carneiro

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC GOIAS
edmundomagela@hotmail.com

Dra. Maria Cristina Dutra Mesquita

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC GOIAS
mcristinadm@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo resulta de parte da tese de Doutorado de Educação de uma das autoras. Trata-se de uma pesquisa de caráter quantiquantitativa baseada na abordagem fenomenológica para interpretar a percepção do próprio corpo, do corpo do outro, a vivência da corporeidade e o materialismo histórico dialético para analisar o corpo educado/profissionalizado e a suas relações sociais. Teve como objetivo interpretar e analisar o processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade¹ em estudantes dos cursos de Pedagogia em uma das universidades de Goiânia. Sabe-se que a formação profissional de qualidade não se conquista com idealismo e discursos, mas com condições concretas materiais e estas, ainda estão distante da práxis do cotidiano destes alunos.

Palavras-chave: corporeidade; estudantes de pedagogia; formação universitária.

INTRODUÇÃO

A importância dessa temática - corporeidade/subjetividade - está presente na atualidade por ser o corpo que expressa às necessidades humanas e é para ele que convergem tanto interesses sociais, como políticos e econômicos, assim como é nele que se acumula uma série de práticas e de discursos. Para tal, investigou-se: quem são esses sujeitos sociais alunos (as) do curso de Pedagogia; que conceito ou conceitos de corporeidade seriam considerados nesse estudo; que corporeidade/subjetividade esses (as) estudantes possuem; e as modificações que ocorreram em relação a sua corporeidade/subjetividade no período que cursaram a universidade.

O processo educativo, ao formar/profissionalizar para o trabalho, tem por objetivo preparar o sujeito para a utilização de conhecimentos, tecnologias e técnicas que correspondem às necessidades das relações sociais de produção de cada tempo histórico. Nessa perspectiva, são construídos conhecimentos, universos simbólicos e representações sociais da corporeidade que correspondem à produção flexível², na qual é valorizada a juventude, a beleza, o prazer, o presente, naturalizando o efêmero, o aqui e o agora.

Na produção flexível e reprodução do capital o sujeito social é “formatado” para absorver a ideologia dominante. Assim, ele acaba por repudiar a segurança e não compreender que são estas características que legitimam os contratos precários de trabalho.

Essa representação é de tal ordem incorporada pelos sujeitos que o risco vai se tornar uma realidade diária, não mais enfrentada somente pelos capitalistas, pelo Estado, pelas bolsas de valores e pelos banqueiros, mas vivenciada pela massa. A produção e a reprodução do capital tornam-se a produção e a reprodução dos riscos sociais para encobrir a realidade de que o jovem só será incluído no processo produtivo, na maioria das vezes, através de contratos precários, que não lhe permitirão ter segurança. Neste sentido, a ideologia naturaliza a deturpação da eterna juventude e do risco e, assim, transforma o enfrentamento dos riscos diários em fato corriqueiro, normal e comum. Sabe-se que há uma intrínseca relação entre o processo educativo e as relações sociais de produção.

O problema no presente artigo é compreender e analisar o processo contraditório entre educação/conhecimento/trabalho e corpo/subjetividade nos tempos atuais, dos estudantes dos cursos de Pedagogia, desde o ponto de vista da sociabilidade do capital. Espera-se com isso que seja possível compreender quem é esse sujeito social, conhecer o universo simbólico e as representações sociais da corporeidade desses estudantes e, assim, proporcionar uma discussão sobre os aspectos relacionados à percepção do próprio corpo, do corpo do outro, do corpo educado/profissionalizado e sua vivência da corporeidade; como eles constroem o seu próprio mundo e a si próprios nestas relações estabelecidas.

Esta pesquisa é de caráter quantitativa envolve a abordagem fenomenológica para interpretar a percepção do próprio corpo, do corpo do outro, a vivência da corporeidade e o materialismo histórico dialético para analisar o corpo educado/profissionalizado e a suas relações sociais. Para tanto, contou-se com a participação de 10% de alunos do curso de Pedagogia. Foi necessário conhecer como os alunos entram nos cursos e como terminavam a sua formação inicial. Assim, foi utilizado um questionário com 21 questões objetivas e subjetivas e entrevistas que englobavam aspectos ligados à identificação do sujeito; territorialidade; aspectos socioeconômicos do estudante e família; aspectos da escolha do curso; as questões de gênero; a formação da identidade profissional; mudanças na lógica de raciocínio; formas de comportamento; valorização do corpo; modo de se vestir e a relação desses aspectos com a formação para o trabalho.

1. A Importância da Representação Social da Corporeidade

Há uma relação complexa e particular entre a divulgação científica na esfera mais ampla da sociedade e na esfera mais restrita do meio escolar. Esta relação diz respeito à formação de conceitos cotidianos, de conceitos científicos, bem como da articulação entre eles. O estudo dessa articulação pressupõe a análise do processo entre o funcionamento do mundo social e do mundo individual. Por isso, pretende-se pesquisar o estudo do desenvolvimento de valores, representações, conceitos e teorias concebidas na interação entre o ser humano e a cultura

social que fundamentam as práticas sociais e educacionais, dando continuidade ao trabalho desenvolvido nesta universidade, tanto no ensino quanto na pesquisa. O tema está centrado na reflexão do universo simbólico e das representações sociais da corporeidade do estudante universitário de uma universidade do Estado de Goiás, do curso de Pedagogia para a produção flexível, nas políticas neoliberais³. Espera-se com isso oferecer uma melhor perspectiva para reorientar suposições clássicas sobre educação e desenvolvimento humano. Os estudos sobre esta temática são escassos. A corporeidade e a sexualidade são temas evitados e, quando tratados, são orientados do ponto de vista biológico.

Percebe-se que as representações sociais⁴ e as concepções da corporeidade dos alunos de uma universidade do Estado de Goiás não são explicitadas, nem conscientes na realidade vivenciada. Um novo ideal social está sendo construído: ter um corpo de um modo determinado, com aparência sexy, jovem, ágil; vestir-se informalmente, estar sempre disponível para relacionamentos afetivos de curto prazo; a força e a vigência são do tempo presente, do ficar e do prazer imediato e estas características se estendem à formação para o trabalho, deste estudante.

A importância dessa temática – representação social da corporeidade – está presente na atualidade por ser o corpo que expressa as necessidades humanas, porque ele “é nosso veículo de ser no mundo”, como afirma Merleau-Ponty (1996, p.122). “É sobre o corpo que convergem tantos interesses sociais e econômicos, assim como é sobre ele que se acumula toda uma série de práticas e de discursos” (MARZONO-PARISOLI, 2004, p.23-24).

No espaço escolar são desenvolvidas pedagogias e práticas cotidianas que operam a partir de certa representação social das normas que aceitam e legitimam um conjunto de valores e atitudes que, muitas vezes, passam despercebidos pelos atores sociais, tais como o próprio professor, o educador, aquele que, supõe-se, detém o saber.

Quando se busca desvelar, compreender, interpretar e analisar o processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia, mais se percebe que o significado da corporeidade/subjetividade surge em seu próprio mundo vivido e, além disso, ao tentar compreender a vida dos entrevistados, e as mudanças que lhes ocorreram, mais compreendo as minhas próprias mudanças.

Num processo riquíssimo de trocas dialógicas, com os entrevistados, com os parceiros teóricos e com a minha própria orientadora, nesta pesquisa, desenvolveu-se a emergência de sermos seres aprendentes, uma vez que não nascemos prontos, acabados, mas somos construídos em uma intrincada rede de interrelações entre causas externas e internas em nossa formação, evolução e produção social.

Neste sentido a educação é um elemento importante de integração do corpo na unidade do sujeito. A descoberta de si próprio e do outro supõe o desenvolvimento das próprias habilidades e também da interrelação entre as pessoas. Ao estabelecer o contato com outra pessoa, o ser humano se revela pelos gestos, atitudes, ações, olhares, enfim, pelas manifestações corporais; e com o corpo, engaja-se diante do real, do concreto, de inúmeras maneiras, por meio do trabalho, da educação, da arte, da ação, e assim por diante.

O corpo pode ser manipulado, modelado, treinado e pode passiva ou criticamente tornar-se obediente e dócil, por meio dos vários aparelhos ideológicos do estado, como diria Althusser (1980). Dentro desta perspectiva o corpo é o canal por onde todos os fatores vivenciados se expressam, isto é, corporificam-se, somatizam-se.

Os sentimentos, as maneiras como eles repercutem e são expressos, fisicamente, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Eles inscrevem-se simbolicamente nas expressões apresentadas no rosto, nos gestos, nas posturas, na representação do amor, da amizade, do sofrimento, da humilhação, da alegria, da raiva. Segundo Breton (2006) a representação destas expressões não são realidades em si, transponíveis de um grupo social ao outro, mas as condições de seu surgimento e a forma como são simbolizadas aos outros implica uma significativa mediação.

Dessa forma, pretendeu-se investigar as mudanças ocorridas no processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia que buscam no ensino superior educação/conhecimento para melhor inserção no mercado de trabalho e melhores condições de vida, em uma universidade da cidade de Goiânia. No processo de investigação desta pesquisa, partiu-se do pressuposto de que este objeto por nós analisado, embora vivido por indivíduos, estudantes dos cursos de Pedagogia em pauta, é fundamentalmente processo social.

O corpo é, então, um importante mediador que faz ponte entre o ser e o mundo, o ser e o outro, e o ser e o outro no mundo; um veículo do ser no mundo, isto é, ter um corpo significa estar em um meio definido com o compromisso decorrente dessa implicação. Foi possível perceber que os alunos do curso de Pedagogia foram construindo, confirmando, modificando ou recriando paulatinamente, o desenvolvimento do seu raciocínio, seu modo de se comportar, o seu modo de vestir e o cuidado com o corpo, ou seja, sua visão de mundo à medida que foram aprendendo sobre a profissão para a qual estão sendo formados. Assim, vão se reconhecendo enquanto indivíduo na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, vislumbrando seu mundo profissional que dita estereótipos profissionais.

A perspectiva histórica da formação profissional do Pedagogo e as mudanças na sua corporeidade/subjetividade são vivenciadas de forma diferenciada, uma vez que, por um lado, o curso de Pedagogia possui suas especificidades no desenvolvimento de habilidades, conhecimentos científicos, técnicas, tecnologias e articulam interesses variados na formação profissional para o trabalho. Por outro lado, eu penso que tais sementes caem em solos frutíferos ou infrutíferos, dependendo das circunstâncias concretas dos alunos do curso e de cada indivíduo.

Os alunos da Pedagogia demonstraram que o curso os tem levado ao desenvolvimento do pensamento mais organizado e ao entendimento maior das situações propostas pelo professor, com perspicácia. Há um percentual significativo de alunos que não responderam a questão, o que pode indicar uma falta de entendimento da questão, uma não aceitação, um conflito ideológico, ou falta de reflexão em relação ao tema corporeidade, entre outras coisas. Os estudantes do curso

de Pedagogia responderam também, que houve pequenas mudanças no modo de se comportar após a entrada na universidade. Isto é, afirmaram que desenvolveram certa compreensão, calma e autonomia e também ampliaram a habilidade de comunicação e sociabilidade. Não expressaram, contudo, mudanças significativas na responsabilidade, liberdade e no hábito de estudar. Nos dois primeiros casos – responsabilidade e liberdade –, isto ocorre possivelmente, porque este (a) aluno (a) já chega à universidade mais velho (a) em média com 26 a 35 anos e acredita que já possui responsabilidade e liberdade suficiente para tomar decisões. Quanto ao hábito de estudar, demonstra pouco envolvimento em leituras e estudo, durante o curso, provavelmente pelo falta de hábito de leitura, ou pouco desenvolvimento da habilidade de leitura, e/ou pela necessidade de trabalhar por várias horas e locais diferentes para darem conta do próprio sustento e do sustento familiar. Falta tempo para reflexão e introspecção devido a sua inserção no mundo de trabalho capitalista. É o mundo do capital com suas exigências determinando os limites da formação profissional do professor. Percebem-se mudanças significativas nos (as) estudantes de Pedagogia que tem que produzir as suas condições de subsistência.

Entende-se que o corpo – corpo/subjetividade – é uma estrutura viva encarnada, plena, que tem uma suposta liberdade de escolha de seus caminhos. Nada é mais desejado num processo educacional, que se pretenda ser emancipador, como é o caso da formação dos (as) professores (as) que estes (as) assumam seus corpos e suas liberdades.

A formação para o (a) estudante do curso de Pedagogia é secundarizada. A família está em primeiro lugar, principalmente por falta de condições de subsistência destes sujeitos, que necessitam desdobrar-se, ao extremo, para conseguirem ultrapassar suas dificuldades de vida cotidiana. Há um grande esforço da classe trabalhadora que se matricula e estuda no período noturno, durante três anos e meio de curso. Na maioria das vezes, trabalha durante o dia, para custear seu estudo e ajudar no sustento da própria família. Os (as) estudantes de Pedagogia demonstram que o seu corpo/subjetividade é explorado ao máximo, pelo capital, tendo como média de trabalho diário cerca de onze horas, o que na realidade constitui desrespeito, massacre, falta de condições concretas de formação profissional com o mínimo de qualidade.

É interessante explicitar que o curso de pedagogia noturno inicia-se às dezessete horas. Este fato, na verdade, configura-se como um engodo, pois este (a) aluno (a) matricula-se para frequentar um curso noturno, que se inicia à tarde. Diante deste fato, o (a) aluno (a) se sente pressionado (a), entre as exigências do seu empregador e as exigências da universidade, para chegar na hora certa, e na maioria das vezes, ele (a) apela para a figura do professor (a), no sentido deste (a) facilitar o seu acompanhamento às aulas, uma vez que o (a) aluno (a) está sempre atrasado (a). Há incoerência no currículo do curso entre o dito e o escrito, trazendo como consequências, por exemplo, pela falta de tempo: a dificuldade de acompanhar as aulas, a aprendizagem deficiente, o desinteresse, o fracasso escolar, a estima baixa, entre outros.

A realidade concreta vivenciada pelo (a) estudante de Pedagogia deixa-o (a) com grande desvantagem para enfrentar o mercado de trabalho. Quando se oferece o curso de Pedagogia por meio de uma formação aligeirada (três anos e meio), superficial e marcada pela fragmentação,

com ausência de reflexão crítica, a apropriação do conhecimento científico se dá de forma precária, falta qualidade na formação de professores (as), nos currículos. Além disso, dever-se-ia levar em conta, nesta formação, a situação concreta deste (a) trabalhador (a) aluno (a). Este (a) aluno (a) necessita de subsídios como: bolsa de estudo - já que estuda numa universidade particular -, bolsa trabalho, tempo, condições reais concretas de estudo e aprendizagem.

Percebe-se que a formação continuada do Pedagogo, em geral, também é fragmentada em áreas cada vez mais especializadas – fora do projeto político pedagógico da escola – o que conduz a desintelectualização e a precarização da categoria docente como um todo. Profissionaliza-se individualmente, mas coletivamente precariza-se paulatinamente os profissionais, levando-os a retrocessos em relação a antigas conquistas, pois dificulta as comparações entre as várias realidades vivenciadas pelo professor, além disso, dificulta a possibilidade de certas formas de protestos, reivindicações, entre outros.

O professor é aquele que, em parceria com a família, com a sociedade é responsável pela formação do sujeito humano, promovendo em suas práticas, a educação, o cuidado, a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos, linguísticos, éticos e sociais da criança, jovens e adultos, bem como sua atuação como cidadão crítico e participativo, entendendo que ele é um ser total, completo indivisível. Dessa forma, ser, sentir, brincar, expressar-se, mover-se, organizar-se, cuidar-se, agir e responsabilizar-se são partes do todo de cada individuo que desde bebês vão, gradual e articuladamente, aperfeiçoando estes processos nos encontros consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Este precedente leva a reprodução destas condições em uma prática profissional, pois nas instituições escolares os corpos são sacrificados a uma objetividade alienante, aos sistemas, aos “programas” e a tempos de trabalho que ignoram a realidade do trabalhador aluno.

Este profissional deve ser altamente qualificado para exercer estas atividades. Como isto pode ocorrer no curso de pedagogia se o currículo não é suficientemente aprofundado, nem possibilita ao futuro profissional o tempo necessário para assistir as aulas e muito menos de ler, refletir, discutir, estudar e se dedicar ao curso? Na verdade, pleiteia-se uma educação pública, em todos os sentidos e níveis de qualidade, mas na realidade brasileira a grande maioria dos estudantes, formam-se em condições precárias. Ainda mais ele frequenta a universidade particular, que oferece cerca de 85% das vagas nacionais; assim, sugere-se que além do curso possuir como referência ‘o vestibular social’, este deve ter condições reais e concretas como bolsa de trabalho que permita ao (a) aluno (a) frequentar a universidade em pelo menos, dois turnos. Além disso, é obvio que todas as mudanças pleiteadas pelas organizações sindicais e associações dos profissionais de educação devem levar em consideração a variável gênero nesta formação do docente (pedagogo). A mulher, mesmo hoje, em que pesem as conquistas femininas, ainda deve submeter o seu corpo aos requisitos ditados pela sociedade, principalmente aqueles associadas à feminilidade, como ternura, paciência, acolhimento, maternagem, perfeição, dedicação integral ao filho e família, ao mesmo tempo, que lhe são exigidas todas as obrigações do seu papel social de estudante.

Ainda, questiona-se como o professor pode se posicionar se este se encontra com a vontade enfraquecida, a resistência fragilizada, a identidade posta em dúvida, a estima esfarrapada, seu corpo exausto e recebendo um salário aviltado; dessa forma não há condição positiva de aprendizagem, nem, muito menos de atuação social adequada e de luta para outras conquistas. Há a reivindicação de uma necessária transformação da corporeidade; transformação política, personalizada, subjetivada, individualizada, abrindo caminhos para que os alunos possam participar verdadeiramente de uma gestão institucional. É necessário que este aluno se desfaça da carga ideológica que o sistema traz, sobretudo para que a sua idéia possa entrar para a história, pois para se fazer história, deve-se transformar palavras em ações. Lançar, não somente a palavra, mas o corpo, a corporeidade, isso é, militância, pois diziam os romanos “*mveze militare est*”, no significado literal, militar é abrir caminhos novos para frente, de acordo com Petrelli (2010).

No curso de Pedagogia, pelo que se pode inferir nas respostas dos grupos pesquisados, os alunos (as) aprendem cognitivamente o que é política, mas não desenvolvem uma vivência, nem se produz o *habitus* conforme Bourdieu (1974), referente à política, como se o sujeito não possuísse corporeidade/subjetividade. Mas, não se pode deixar de explicitar que, não é suficiente um amadurecimento cognitivo-afetivo para vantagens próprias, mas é necessário um poder de ação a serviço e em função da “ação ética,” como explica Minkowski (1999).

Aponta-se para uma proposta transdisciplinar em que os diversos saberes que estejam presentes, possam misturar-se uns aos outros. Aqui, interessa a apropriação da capacidade de movimentar-se, a possibilidade de sempre transitar, de ignorar cercas, rearrumar e criar outros territórios.

Pensar dessa forma traz efeitos quanto às práticas de pedagogos. Essa proposta é, sem dúvida, um compromisso político que aposta na criação e na mudança, em formas diversas de existência, de sociabilidade. Trata-se de afirmar as potências, as diferenças, as multiplicidades e possibilidades infinitas e ilimitadas do homem, da sociedade, da pedagogia, da política. A aposta na produção de ‘verdades’ sempre provisórias, temporais e temporárias, num mundo cheio de diversidades.

Acredita-se que o curso de pedagogia deve garantir uma formação sólida para levar a uma prática profissional crítica de conhecimento e saberes já produzidos, bem como produzir saberes articulados entre a teoria e a prática com implicações éticas, políticas e sociais. Deve levar o indivíduo a desenvolver a individualidade para-si, enquanto superação do caráter espontâneo e natural, ou seja, ‘da alienação’ no âmbito de sua formação. Esta individualidade que é a síntese da relação consciente do indivíduo com as condições particulares de sua existência, mediada pela relação consciente, com objetivações do gênero humano.

Não se pode perder de vista a finalidade emancipatória do curso de educação; dessa forma exige-se que se considere o ato pedagógico como a atividade por meio da qual os indivíduos se apropriam das objetivações humanizadoras produzidas pelos homens histórica e socialmente, condição para a humanização do indivíduo e conseqüentemente para sua emancipação. Isto

significa que o indivíduo da espécie humana, se torna homem, se forma homem; assim para integrar o gênero humano precisa ser formado, educado de acordo com Duarte (2004). O professor lida com o indivíduo concreto que é síntese de inúmeras relações sociais, que não se enquadram nos modelos descritos pelas ciências positivas, eles lidam, educam o sujeito vivo, inteiro, concreto, encarnado.

A educação é aqui compreendida, como processo de formação e de aprendizagem socialmente elaborado tem que oferecer condições materiais concretas, desde tempo, recursos para alimentação, moradia, saúde, acesso aos bens imateriais (livros, internet, computador etc) e destinado a contribuir na promoção da pessoa humana enquanto sujeito da transformação social, que transforma e é transformado. E o espaço educacional é para além do ambiente físico, entendido como o tempo em que o sujeito permanece na escola (universidade), no curso de Pedagogia durante o qual a escola, enquanto agência formadora cumpre um papel que lhe é específico, qual seja o de oferecer condições de construção de conhecimentos novos e de comprometer-se com a socialização do saber historicamente elaborado.

O corpo é a expressão dos valores sociais, políticos, econômicos, estéticos, éticos, amorosos ligados às características da sociedade a que pertence, não existindo cisão entre o corpo/subjetividade, muito menos oposição, somos indivíduos que possuem corpo, ego e eu: somos sujeitos encarnados. A leitura crítica do mundo, é como um fazer/ação político-pedagógico que envolve a conscientização e a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade, e esta, ainda está distante da práxis do cotidiano destes alunos(as), como pudemos perceber. Formação profissional de qualidade não se conquista com idealismo e discursos, mas com condições concretas materiais.

Notas Explicativas

- 1- Esta pesquisa se refere especificamente a corporeidade, como este termo ainda não foi assimilado, no sentido que abordamos, optamos por denominá-lo corporeidade/subjetividade com o intuito de lembrarmos ao leitor que estes termos fazem parte de uma totalidade, assim todas as vezes que estivermos dizendo corporeidade estamos também nos referindo à subjetividade, não há como dividir ou separar corporeidade de subjetividade (Nota da pesquisadora).
- 2- “Produção flexível” é a introdução, no processo produtivo, quer de mudanças organizacionais quer de inovações no sistema coordenado de máquinas do fordismo para o controle automatizado da produção integrada, num processo em que as máquinas controlam as suas próprias operações. Nesse processo, afirma-se que, por um lado, a máquina tornou-se um estoque de possibilidades, em função das contribuições da ciência, especialmente no campo da microeletrônica e da microinformática. Por outro lado, afirma-se também que a valorização do “trabalho inteligente”, ou seja, aquele que requer habilidades cognitivas e de abstração, em tese, liberaria o trabalhador do trabalho repetitivo e parcelado. No entanto, há que se ressaltar que as novas tecnologia são fundamentalmente poupadoras de força de trabalho, ou seja, trazem no seu bojo o desemprego estrutural (CARNEIRO, 1998, p. 14).
- 3- Segundo Anderson (2000), em *Balanço do Neoliberalismo*, este é um fenômeno distinto do liberalismo clássico do século passado. Nasceu logo depois da Segunda Guerra Mundial, na Europa e na América do Norte, veementemente contra “o Estado intervencionista e do bem-estar social”. Seu texto de origem é O Caminho da Servidão, de Friedrich Hayeck, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciados como ameaça letal à liberdade não somente econômica, mas também política. Sua pregação tem por fundamento a desigualdade como valor positivo e imprescindível às sociedades ocidentais. O remédio recomendado foi manter um Estado forte em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle dos recursos públicos, realizando gastos sociais

cada vez menores e transferindo recursos para a sociabilidade do capital. A meta suprema de todo governo deveria ser: disciplina orçamentária, contenção dos gastos com bem-estar social, restauração da taxa natural de desemprego, ou seja, criação de um exército de reserva de trabalhadores para quebrar o poder dos sindicatos. O objetivo primeiro era restaurar uma nova e saudável desigualdade social (exclusão da maioria dos benefícios sociais de forma planejada). O neoliberalismo tem no mercado o seu princípio fundador, unificador e autorregulador da sociedade.

- 4- Para explicar “as representações sociais” Chauí (1999, p. 417) parte do conceito de ideologia como se vê a seguir: ideologia é um fenômeno histórico-social que deriva do modo de produção econômico onde a ação humana é uma forma determinada da divisão social do trabalho, em que o sujeito social não se vê como é, mas como o que produz. O indivíduo passa a naturalizar a sua atividade: essa “naturalização surge como a forma de ideias, que afirmam que as coisas são como são porque é natural que assim sejam. As relações sociais passam, portanto, a serem vistas como naturais existentes em si e por si, e não como resultados da ação humana”. “As representações sociais” vão sendo construídas e, assim, ditam como os indivíduos devem pensar, agir e sentir a partir da ideologia, isto é, “o grupo pensante (intelectuais) pensa com as ideias dos dominantes; julga, porém, que tais ideias são verdadeiras em si mesmas e transformam ideias de uma classe social determinada em ideias universais e necessárias, validas para a sociedade inteira”.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3. ed. Trad. J. J. de M. Ramos. Lisboa: Presença, 1980.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva.1974.
- CARNEIRO, Maria Esperança. **Os técnicos de 2º grau frente à reconversão produtiva**. (Tese de doutorado). São Paulo: 1998.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis RJ: Vozes, 2006.
- MARZANO-PARISOLI, Maria M. **Pensar o corpo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MINKOWSKI, Eugene. **Traité de Psychopathologie**. PUF, 1966.
- PETRELLI, Rodolfo. **Entrevista concedida à pesquisadora**. Data: 29 de outubro de 2009.
- SIQUEIRA Teresa C. B. **Mudanças na corporeidade/subjetividade durante a formação universitária: estudantes de Pedagogia e Psicologia**. (Tese de Doutorado). Goiás: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.